



BOLETIM

Volume 3 - nº 1 de 1998

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS

EDITORIAL

O Boletim inicia com este número o seu 3º ano de publicação. Neste ano completa-se também o 3º ano do mandato desta direcção, findo o qual será necessário proceder à eleição da futura direcção.

Durante o ano de 1998, a realização mais marcante da ANCP será a sua Reunião Científica. Como já foi referido no número anterior, a primeira parte será dedicada à situação portuguesa. Serão convidadas algumas pessoas interessadas nos cuidados paliativos e que têm ideias, projectos ou experiências neste âmbito. Procurar-se-á discutir as dificuldades encontradas nos diferentes tipos de projecto ou experiência e, se possível, encontrar respostas, caminhos possíveis para sairmos do impasse em que os cuidados paliativos se encontram neste momento no nosso país. Todos os contributos são bem vindos, devendo considerar-se as comunicações sobre as diferentes experiências, como base para uma discussão mais profunda.

A dor ocupará toda a restante reunião científica. Serão apresentados os resultados de reuniões de consenso do Research Steering Committee da Associação Europeia de Cuidados Paliativos sobre dor e serão desenvolvidos os temas: dor neuropática e rotação de opióides.

Os consensos do Research Steering Committee sobre dor a apresentar serão:

- Instrumentos para a avaliação da dor em investigação em cuidados paliativos;
- Recomendações para o uso de opióides na dor oncológica.

O tema dor neuropática será extensamente desenvolvido. A sua importância é bem conhecida e deriva da dificuldade que muitas vezes existe no controlo deste tipo de dor.

Outro tema que será desenvolvido e objecto de uma reunião de consenso é a rotação de opióides. É um tema actual, controverso, sobre o qual se tentará chegar a conclusões com os dados disponíveis. Este tema já foi referido em números anteriores do Boletim. Foi referido num editorial, a propósito da necessidade de serem introduzidos em Portugal outros opióides utilizáveis por via oral para o tratamento da dor, nomeadamente a metadona, que já se usa mas apenas no tratamento dos toxicodependentes. Na secção "Resumos de artigos da literatura mundial" também foram apresentados alguns artigos sobre este tema, e que inclusivamente, reflectiam a controvérsia existente.

Dr. Ferraz Gonçalves
Presidente da ANCP

Os Cuidados Paliativos e os Princípios da Bioética

Em cuidados paliativos as questões éticas e o seu debate, foram desde sempre consideradas prioritárias. De facto, estas são particularmente relevantes quando se lida com pessoas que estão

no fim da sua vida. E, se a medicina como um todo deve respeitar os princípios éticos, os cuidados paliativos são deles indissociáveis. Pode-se dizer mesmo que, em muitos casos,

não é possível respeitar esses princípios sem os cuidados paliativos.

O princípio da beneficência, segundo o qual as acções médicas devem ter como intenção

beneficiar o doente, é sem dúvida inerente aos cuidados paliativos. A sua origem teve como intenção beneficiar um grupo de pessoas que estavam desprotegidas. O abandono de que as pessoas doentes cuja afecção não respondia aos tratamentos curativos eram vítimas foi considerado inaceitável, porque a medicina possuía recursos que permitiam contribuir para melhorar o seu bem estar, embora não permitissem prolongar a sua vida. Esta mudança de atitude conduziu a uma transformação profunda na mentalidade de muitos profissionais de saúde e consequentemente produziu um benefício significativo em muitos doentes.

O princípio da não maleficência é muitas vezes associado ao anterior. No entanto, penso que tem um lugar autónomo e de destaque. É um princípio básico da medicina: "primum non nocere". Este princípio é particularmente importante porque, os métodos que se empregam na medicina moderna são muitas vezes agressivos e, portanto, capazes de causar graves danos embora, obviamente com a intenção contrária. No entanto, a formação dos profissionais de saúde, sobretudo dos médicos, completamente focada no prolongar a vida conduz por vezes a resultados paradoxais. Os cuidados pa-

liativos procuram evitar todos os tratamentos fúteis e exames ou intervenções irrelevantes. O tratamento tem objectivos definidos e realistas, aceitando-se sempre a perspectiva de sobrevivência curta.

Os cuidados paliativos são, em geral, mais baratos, principalmente quando integram uma equipa de assistência domiciliária. A sua existência evita o internamento de muitos doentes e a necessidade de recorrer a consultas e a serviços de urgência para resolver os diversos problemas que inevitavelmente surgem nesta fase da vida. Evitando-se o uso destes serviços, mais adequados para outras situações, beneficiam-se não só os doentes com doenças crónicas avançadas, como os utentes que apropriadamente os devem utilizar. Há assim uma racionalização de recursos que permite uma utilização mais equitativa dos serviços de saúde e, portanto, mais justiça.

Em cuidados paliativos, o respeito pela liberdade dos doentes, pelos seus desejos, preferências, convicções e decisões é um princípio básico - princípio da autonomia. Para tal é necessário que haja comunicação e sejam fornecidas as informações que o doente quer e pensa necessitar para tomar decisões, quanto aos tratamentos propostos e a outras

questões da sua vida. Não é indispensável que os doentes tomem decisões sobre o seu tratamento, nem é indispensável que tenham informações detalhadas sobre os vários aspectos da sua doença, mas é, contudo, um direito seu que, portanto, devem poder exercer se assim o quiserem.

Efectivamente, sem o desenvolvimento dos cuidados paliativos não é possível cumprir estes princípios. Muitos doentes continuarão a ser, na prática, excluídos do sistema de saúde. Serão abandonados ou tratados com meios inadequados, de uma forma ou de outra, não vendo os seus problemas resolvidos. Outros, por falta de alternativa, podem ser tratados com meios agressivos que muitas vezes apenas acrescentam sofrimento ao provocado pela doença. Assim, nesta importante fase da vida, em que o modo de encarar as coisas se modifica, em que o acessório e o supérfluo são reduzidos à sua verdadeira dimensão e só o essencial se valoriza e, porque o tempo é curto, importa resolver o que foi deixado para trás. É a altura da reconciliação com pessoas significativas que as circunstâncias separaram. É a altura de tomar decisões que afectam o futuro dos que vão sobreviver. Feito tudo o que havia a fazer

pode então ocorrer a morte, com tristeza talvez, mas com alguma tranquilidade. Tudo isto dificilmente será realizado se o sofrimento físico for grande, se por

exemplo a dor física dominar a consciência do indivíduo e não o deixar pensar em mais nada. É este o grande papel dos cuidados paliativos: que seja possível que

as pessoas apesar de todas as dificuldades consigam viver em paz e que a sua vida se cumpra.

Dr. Ferraz Gonçalves

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CUIDADOS PALITIVOS

UNIDADE DE CUIDADOS CONTINUADOS INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA

R. Dr. António Bernardino de Almeida

4200 Porto

Tel. (02) 5073940

Fax. (02) 5506833

REUNIÃO CIENTÍFICA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS

Porto - 15 a 18 de Outubro de 1998

Programa provisório

Dia 15 - Cuidados Paliativos em Portugal - ideias, projectos realizações

Dia 16 - a) Conclusões das reuniões de consenso sobre dor da

Associação Europeia de Cuidados Paliativos

b) Dor Neuropática

Dia 17 - Rotação de opióides (manhã)

Reunião de consenso sobre rotação de opióides (reunião fechada)

Dia 18 - Reunião de consenso sobre rotação de opióides (reunião fechada)

As intervenções dos dias 16, 17 e 18 serão realizadas por estrangeiros: membros da Associação Europeia de Cuidados Paliativos e outros convidados

CURSOS MULTIDISCIPLINARES DE CUIDADOS PALIATIVOS

Organização:

Unidade de Cuidados Continuados do IPO - Porto
Associação Nacional de Cuidados Paliativos

Cursos Teórico-práticos

Têm 2 objectivos fundamentais:

- Dar a conhecer as necessidades e os problemas dos doentes com doenças crónicas progressivas e avançadas, para os quais não é possível o tratamento curativo;
- Proporcionar a aquisição de conhecimentos e atitudes, relativamente a estes problemas, que permitam aos participantes intervir sobre alguns deles, em especial sobre a dor e outros sintomas.

Os cursos têm uma parte teórica, mas visarão sobretudo a discussão ampla das questões abordadas e o contacto com os doentes internados na Unidade. Para permitir esse contacto orientado pelos médicos e enfermeiros da Unidade, limita-se o número de participantes a **6 médicos e 6 enfermeiros**

Datas:

20 a 24 de Abril; 1 a 5 de Junho; 21 a 25 de Setembro; 9 a 13 de Novembro

Horário:

35 horas - 5 dias, das 09.00 às 17.00 h

UM DIA NUMA UNIDADE DE CUIDADOS CONTINUADOS

Visita à Unidade de Cuidados Continuados do IPOFG - Porto e apresentação e discussão de alguns temas dos cuidados paliativos.

Datas:

28/01; 27/02; 27/03; 29/05; 26/06; 25/09; 30/10; 27/11

Horário: 09.00 às 15.00 h

Inscrições limitadas a 20 pessoas

Para mais informações contacte a
Unidade de Cuidados Continuados
do IPOFG - Porto